ANO 4.º LISBOA--QUINTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 1924 N.º 951

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:198 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

A PEÇA de Norberto de Araujo, «Dentro do castigo», ontem representada no Nacional, numa recita de assinatura em que não havia um logar vago, constituiu indiscutivelmente, seja porque aspecto fôr visto, um acontecimento de teatro.

O primeiro acto foi vibrantissimamente aplaudido, assim como o segundo, sendo o autor e os interpretes chamados repetidas vezes ao proscenio.

No meio do terceiro acto grande parte do publico insurgiu-se contra um espectador que ostensivamente marcava o seu desagrado, querendo interromper.

O tumulto generalisou-se, então, sem ter nada com a peça, nem com a interpretação, tendo-se estabelecido duas correntes de opinião, sobre se havia direito ou não de expulsar da sala o espectador recalcitrante. O espectador saiu e o espectaculo continuou.

No final, autor e interpretes foram demorada e calorosamente aplaudidos, tendo-se nesta altura estabelecido opiniões divergantes ácêrca do terceiro acto e do fecho do drama.

O interesse pelo novo original manteve-se hoje em todos os centros de cavaco, sendo anciosamente esperadas as criticas.

O sr. Presidente da Republica assiste hoje ao espectaculo.

* * *

O PROFESSOR dr. Asdrubal de Aguiar procedeu a um estudo rigorosamente scientifico sobre a personalidade amorosa de de Mariana de Alcoforado, aproveitando-se para isso das suas *Cartas* e dos dados biograficos que lhe foi possivel encontrar.

E' este o seu titulo—*Soror Mariana*. A sua leitura, alem de facil e agradavel, porque o seu autor escreve *litterariamente*, é tambem instrutiva, restituindo o drama amoroso da freira de Beja aos seus elementos naturais. A edição, esmeradissima, é da livraria *Portugalia*.

* * *

TÊM corrido boatos de proxima alteração da ordem publica. Quem os espalha? E' tão dificil sabê-lo como descobrir as causas da nossa crise. Ha quem diga que esta provem dos abusos da circulação fiduciaria, o que outros contrariam, sustentando que as notas são um simples aspecto em quadro negro, lamentoso.

Os boatos, visto não haver quem os perfilhe, é possivel quo sejam como as notas falsas que circulam, sem que muitas vezes se saiba quem as fabrica.

* * *

O NOVO livro de Campos Monteiro—*Moeda corrente* pertence ao numero das leituras desenfastiadas, alegres e ligeiras que abonam o espirito do seu autor e nos deixam a impressão optimista de que o mundo não é tão mau como pintam. A edição é da livraria Civilização, do Porto.

* * *

O ARTIGO que ante-ontem publicámos subordinado ao titulo «O 9 de Abril e a festividade no Mosteiro da Batalha» é da autoria do nosso colaborador sr. Alvaro Neto.

* * *

MILY Possoz inaugura a exposição dos seus quadros e desenhos, no dia 17, ás 15 horas, no salão da *Ilustração Portuguesa*.

A' mão armada

Deu-se mais um atentado pessoal, sendo a victima um fiscal da Penitenciaria que foi surpreendido pelos seus agressores, quando atravessava as terras do Parque Eduardo VII.

Da leitura dos jornais deduz-se que se encontra em perigo de vida.

Não sabemos nada ácerca dos motivos que determinaram este crime.

Sejam quais forem, não podem admitir justificação, visto que, por emquanto, vivemos num país em que a ninguem é permitido fazer justiça por suas mãos, a não ser em casos especiais e reduzidissimos.

Ha a policia, os tribunais, a lei, os costumes, a educação e o Estado o qual tem por missão velar, superiormente, pelas nossas pessoas e bens.

Se um ou mais individuos, adoptando como norma o ilegalismo, atacam ou negam todas as garantias juridicas e todas as noções morais que constituem ao mesmo tempo virtudes e factores de civilisação, a vida social começa, então, a envolver um risco para todos nós, sobretudo se a impunidade se torna um facto corrente.

Vivemos numa epoca em que se tem perdido tanta coisa que cada dia nós constatamos uma nova perda.

Será possivel que o instincto da propria conservação se haja eclipsado em nós?

A ser assim, nós oferecemos o estranho, para não dizer estupendo, exemplo duma sociedade que se faz covarde até o ponto de pôr as mãos no ventre em atitude defensiva, deixando a descoberto o coração e a cabeça, talvez por entender que o materialismo moderno só exige o culto da digestão.

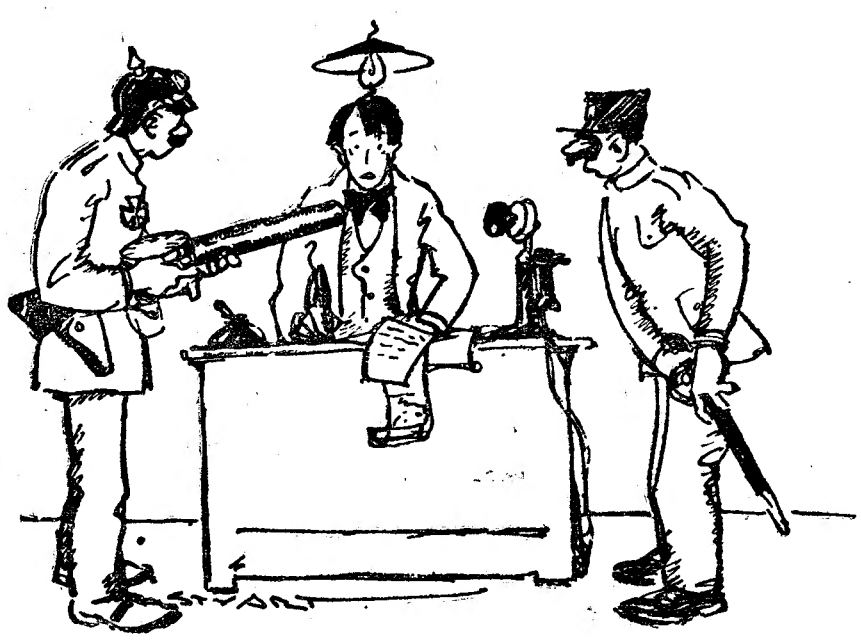
Quantos e quantos não pagaram já com a vida o facto de atravessarem uma rua, desprevenidamente, sem pensarem que nela se encontram perigos que nos recordam epocas longinquas, em que o homem era o lobo do homem!

Achamos bem que todas as ideias fecundas e generosas se espalhem livremente, sem outros obstaculos, a não ser os que a critica lhes oponha.

Matar para educar e libertar é um contrasenso deshumano que, mais tarde ou mais cedo, deve dar os seus frutos, que hão de ser estes—educar e libertar para matar.

A tradução disto em linguagem que o povo entende é esta—*quem com ferro mata com ferro morre.*

Se o projecto fosse aprovado...



... só haveria liberdade de escrever para as «canetas de tinta permanente» ...

SEGUNDO informação da Agencia Americana, o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro comemorou, com grande solenidade, o 67.º aniversario da sua fundação, tendo havido concerto e uma sessão solene a que assistiram a colonia portuguesa, um representante do dr. Felix Pacheco, ministro das Relações Exteriores, os secretarios da Embaixada, o consul de Portugal, dr. Sampaio Garrido, e numerosas altas personalidades brasileiras. O secretario da direcção do Gabinete, sr. Humberto Taborda, assumiu a presidencia, explicando que o fazia por motivo de doença do presidente. Fez um belo discurso exaltando o significado da festa e descrevendo a obra realisada por aquela instituição, e leu a acta da primeira assembleia, o que provocou grandes aclamações. Em seguida teve para os fundadores do Gabinete palavras de entusiastico elogio e declarou inaugurada uma subscrição a favor da realisação da viagem Lisboa-Macau, por iniciativa do dr. Francisco de Sousa Costa, terminando por se referir calorosamente ás virtudes da raça lusitana, engrandecidas e glorificadas pelo sacrificio de tantos herois, os ultimos dos quais são os combatentes da Flandres, das terras de Africa, Gago Coutinho, Sacadura Cabral, Brito Pais e Sarmento Beires.

Em seguida, o conhecido historiador dr. Pinto da Rocha, assistente da Faculdade de Direito do Rio, que se formou na Universidade de Coimbra, elogiou a colonisação portuguesa no Brasil, rememorando eloquentemente os feitos mais notaveis da historia das duas nações irmãs. Referindo-se á «Historia da Colonisação Portuguesa no Brasil», comentou os notaveis capitulos de Luciano Pereira da Silva e Duarte Leite, elogiando Malheiro Dias pela magistral introdução da obra.

* * *

O SR. Julio Cruz, governador civil de Aveiro, reuniu numa elegante *plaquette* os dois interessantes discursos que pronunciou, um no Bussaco, por ocasião do Congresso da Imprensa Latina, o outro, em Ilhavo, no dia 9 de abril de 1924, quando da inauguração do monumento ali erigido aos mortos da grande guerra.

* * *

OS alunos da Escola Nacional de Belas Artes realizam, hoje, no edificio da Escola, um interessantissimo «serão d'arte», seguido de baile, em que tomam parte, além do poeta Afonso Lopes Vieira que fará uma palestra, algumas das nossas mais distintas artistas de canto, musica e teatro.

* * *

OS srs. Candido Sotto Mayor e dr. José Gabriel Pinto Coelho, respectivamente presidente do conselho de administração e director do Banco Colonial, conferenciaram hoje demoradamente com o sr. presidente do ministerio sobre assuntos colonisis.

* * *

DEPOIS de ámanhã fazem anos El Rei D. Afonso XIII. Solenizando a festiva data, o sr. D Alexandro Padilla, ilustre ministro da Espanha em Lisboa, recebe no palacio da legação, das 18 ás 20 horas, toda a colonia do seu país.

* * *

PARTIU para Cardiff, na Inglaterra, em serviço da Empresa Insulana de Navegação o antigo comandante da mesma empresa sr. Francisco Brito do Rio.

Pelo «sport»

FOOT-BALL

Excessos . . .

Os leitores têm decerto verificado o notavel ascenso da curva da brutalidade com que se esta jogando o «foot-ball» em Portugal.

E esse «crescendo» mais e mais se tem notado nos jogos de primeira categoria, em que a brutalidade está — com raras excepções — na ordem do dia.

Chegaram as coisas a um ponto tal, que ha dias, um critico, referindo-se a um «match» importante a que assistiram milhares de espectadores, chamou a alguns «players»: — «ferus á solta».

Parece, porém, que se trata duma doença de importação, porquanto o mesmo acontece além fronteiras

O distintissimo jornalista parisiense que é Gabriel Hanot, escreveu ha tempos, ácerca desses excessos, uma cronica de que destacarei os periodos seguintes:

—«Não creio que os actuais «équipiers» saibam como se carrega regularmente. Parece-me que descuidam essa arma leal que é o jogo possante, mas executado de peito saliente e com as unicas armas permitidas, para só se aproveitarem de metodos menos visiveis, mas mais eficazes — exactamente como os povos que trocaram a espada e a lança pelos explosivos e pelos gazes asfixiantes

«Confudo, se na guerra tudo é permitido — pois que se trata de exterminar o inimigo, e todo o sentimentalismo é inutil — no desporto, que eu saiba, nenhuma questão de vida ou de morte é disputada pelos que o praticam.

«O «foot ball» é um jogo, um divertimento, ou, pelo menos, uma ocupação diferente de todos os dias. Por que depravação, por que degradação do espirito e do coração, se transforma esse jogo, esse divertimento: — em ameaça, em perigo, em batalha, em dôr?

«Per quanto tempo ainda, teremos de suportar esses crimes, cometidos contra o «foot ball» e contra o desporto?»

* * *

Eu creio que ninguem poderá afirmar exageradas as afirmações de Gabriel Hanot. Conquanto feitas para castigar excessos cometidos por «foot-ballers» franceses, parece-me, quando as leio, que maior cabimento elas têm, aplicadas aos que por cá, com tanta frequencia se estão cometendo.

Os rostos de certos «players» são simplesmente assustadores, pelo que demonstram de raiva e maldade interiores.

Diz-se que o desporto é uma escola de lealdade, de sangue frio, de correcção de dignidade. Uma tal afirmação é exacta para Alberto Rio, Portela, Vitor Gonçalves, Torres Pereira e tantos outros, que jogam jogo franco e têm nos traços fisionomicos a marca da honestidade. Mas é a falsa para muitos «footballers» que, uma vez começado o «match», parecem pôr em liberdade os mais vis instintos e os mais baixos sentimentos.

A culpa é dos arbitros — dizem alguns. Como se o castigo, a prisão ou o degredo, pudessem curar malfeitores endurecidos no mal e resolvidos a perseverar nele!

Nunca os arbitros conseguirão por si, «endireitar» os jogadores« tortuosos».

Taca Guilherme Pinto Bastos

No proximo domingo, jogam o «match» final para disputa do titulo de campeão das escolas superiores, a Escola Militar e o Instituto Superior do Comercio.

O desafio realisa-se no campo da Escola Militar, ás 17 horas.

Taça especial de 2.as categorias

No proximo domingo realisam-se para disputa da Taça Especial de 2.as categorias, os seguintes «matches» de «foot-ball»:

A's 16 horas — «Belenenses» contra «União», em Palhavã. «Vitoria» contra «Bom Sucesso», no Campo Grande.

A's 18 horas — «Sporting» contra «Benfica», em Bemfica. «Casa Pia» contra «Portugal», nas Larangeiras. «Imperio» contra «Chelas», em Palhavã. «Cruz Quebrada» contra «Operario», no Stadium.

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS:
MELLO DA SILVA & SEQUEIRA, LIMITADA
Rua Nova do Almada, 24-2.° D.
LISBOA
Telefone [illegible] Telegramas: Metroseque

AS MAIS LINDAS NOVIDADES
em algodão, lãs e sêdas
Casa Africana
Rua Augusta

UM CATALOGO

As maças

de prata

e as outras peças

de ourivesaria

do Museu Nacional de Coches

O magnifico trabalho do sr. Luciano Freire—«O catalogo do Museu Nacional dos Coches»—ultimamente publicado, reune todas as maravilhas do nosso grandioso passado, todas minuciosamente estudadas, dando ao visitante do unico «Museu do mundo», neste genero, a indicação perfeita da historia de todos os coches, da sua origem, da sua época, e bem assim, das muitas outras reliquias guardadas no antigo picadeiro do Palacio de Belem, que em parte foi propriedade do Conde de Aveiras e que, depois de completamente transformado por D. José, ficou conhecido pela denominação de—«Picadeiro do Paço de Belem ou de D. José».

A' Rainha Senhora D. Amelia se deve a nobre instalação dos suntuosos coches da Casa Real e depois das importantissimas obras que se fizeram, como o rebaixamento do pavimento á profundidade de metro e meio; rasgamento de paredes, abrindo-se nelas, quer no pavimento inferior, quer nas galerias, elegantes arcadas, que logo se converteram em luxuosas vitrines; os tectos foram restaurados pelo pintor Malhôa, e o inutil picadeiro de D. José foi transformado num salão vastissimo, elegante e magestoso.

Entre as muitas preciosidades ali encerradas, quero referir-me ás «Maças», que no Catalogo, a pag. 57, vêm assim descritas:

«Maças de plata, dos Reis de Armas, largamente ornamentadas no estilo da época de D. José, e com as respectivas Armas Reais. Eram utilisadas nos grandes cortejos regios.»

Estas «Maças» foram mandadas fazer pelo Principe Regente D. João, para a grande solenidade do baptismo do Principe da Beira, D. Antonio, o qual se realisou nas salas da «Musica» e do «Trono», do palacio de Queluz, na tarde do dia 4 de Março de 1705 (sabado de Aleluia).

O pavoroso incendio, que devorou grande parte do velho palacio de Nossa Senhora da Ajuda, na madrugada de 10 de Novembro de 1794,—palacio madado construir por el-rei D. José, após o terramoto,—destruiu, entre muitas preciosidades, as «Cotas dos Reis d'Armas», Arautos e Passavantes», «O Palio e as Maças», pelo que se fez tudo de novo e com o fim de se celebrar o baptisado do herdeiro da corôa com a mesma pompa e grandeza á do baptizado da princesa da Beira, D. Maria Tereza, o qual se realizou no dia 4 de Maio de 1793, na capela do real palacio da Ajuda, pelo cardeal patriarca D. José Francisco Miguel Antonio de Mendonça, capelão-mór da rainha D. Maria I, o qual tambem baptisou o principe da Beira, D. Antonio.

Destruidas as—«Maças—o Principe Regente D. João encarregou o ourives Antonio José Gonçalves, que tinha a sua «oficina de prata no patio das Vacas, no Sitio de Belem», e o gravador Marcelino José, do trabalho das novas «Maças e de outras obras para as cerimonias do baptisado. Os modelos em talha foram executados pelo entalhador Antonio Batista da Cunha. Foram feitas seis «Maças» para os Porteiros de Cana, importando, só a prata, em 948$412 réis, pesando, conforme certidão do peso da Real Casa da Moeda, 112 marcos 7 onças e 2 oitavos.

Numa nota que consultei, descrevem-se as—«Maças»—pela forma seguinte:

«As «Maças» ficaram com o comprimento de 4 palmos e eram todas em prata lavrada. Começam em baixo por um redondo de varios filetes e refendidos, segue-se a haste toda aberta em meias canas com mais largura para cima do que em baixo, rematando com um semelhante redondo. Sobre este um corpo de três faces lisas e só ornados com três quartelas que lhes fazem lados e que pegam em baixo na mesma largura da haste, afastando-se para fora á proporção que sobem, á altura de um palmo, com largura de três quartos em cada face, a qual é de baixo relevo e nela magnificamente lavrado o Brazão das Armas Reaes, rematando uma cupula coroada com um formoso ramo de flores»

Falando desta obra de ourivesaria, vou referir-me aos presentes que o principe D. João fez á princesa D. Carlota Joaquina e ao Cardeal Patriarca.

A' princesa ofereceu «quatro espigas de brilhantes», os quais se compraram a Manoel Lopes de Oliveira e importaram em 1.933$775 e foram trabalhados pelo ourives Ambrosio Pollet, (que mais tarde foi preso por um roubo de brilhantes no paço), o qual recebeu pelo seu trabalho 672$900.

Ao Cardeal foi oferecido uma «caixa de ouro, cravejada de brilhantes».

O principe D. João, ofereceu a seus filhos varias joias: a princesa da Beira, D. Maria Tereza, quando completou 4 anos, ofereceu-lhe «dois fios de perolas», comprados a Manuel Lopes de Oliveira, por 192$000 réis.

Em 1802 encarregou o ourives José da Silva Gomes, de fazer um «Toucador» todo em prata, com todos os seus pertences, o qual pesava 88 marcos, 3 onças e 5 oitavos, e cujos moldes foram executados pelo entalhador José Coutinho.

Tinha o principe da Beira, 1 ano, e encontrando-se a familia real em Elvas, com a familia real espanhola, o principe D. Antonio ofereceu a seus avós, «4 aneis», sendo 2 com 10 brilhantes, 1 com 16 e outro com 20, recebendo Antonio Pollet. 3:275$400;—por fim, em 1801, é o ourives Antonio José Gonçalves, que faz a inscrição no caixão de chumbo, coloca as Armas Reaes, uma caveira e uma cruz, tudo no mesmo metal, na urna do malogrado principe, victima d'um violento ataque de bexigas.

A' Infanto D. Maria Isabel, no dia em que completou um ano, ofereceu-lhe «duas pulseiras» de diamantes, trabalhados pelo ourives João Paulo da Silva, que pelo feitio e caixa recebeu 14.400 réis. — O mesmo João Paulo no ano de 1800,-por uns «fios de perolas», para a mesma senhora, recebeu 250$000 réis. As perolas, na totalidade de 624, foram compradas a Faustino Pereira Leal, á razão de 400 réis cada!... Justamente como hoje!... E' só questão de umas cifras mais!... Ainda em 1801, D. João comprou a José da Silva Gomes, «dois fios de perolas», para a mesma infanta, por 336$000 réis.

No dia do baptisado do Infante D. Miguel, em 1802, D. João ofereceu a sua esposa e ao Cardeal, uma «flor de brilhantes e uma bengala cravejada de diamantes», os quais foram comprados a Luisa da Silva e José Vannés, por 1.730$000 réis. — etc. etc. etc. —

Nestes tempos tudo se podia ter, tudo se podia comprar, o dinheiro chegava para tudo... hoje, chega para tudo tambem, o pior... é que não chega para nada!...

25 de Março de 1924.

Antonio Caldeira Pires

A's Senhoras
Apsulinas para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.° Esquerdo

Pianos Alemães
das mais afamadas marcas. Grande sortido musical. A. Morais, Lda. Rua das Portas de Santo Antão, 128.

— GUY D'OLIVEIRA —
ANALISES CLINICAS
Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo Prof. Dr. Agres Kopke
Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann
Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes
R. Garrett, 74-1.° Telef. C. 4186

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Tereza de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha, D. Maria Madalena Lopes de Brion, D. Maria Margarida Galvão Mexia de Moura Teles Bramão, D. Gabriela de Sampaio e Pina de Sousa e Barros Leitão de Carvalho Van-Zeller, D. Maria de Moura Coutinho de Almeida de Eça Pimentel, D. Jeronima da Camara Berquó e D. Izabel Maria da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca).

E os srs.:

Visconde de Vale Paraiso, Gonçalo Velho Alcoforado de Barbosa e Sotto Mayor, Antonio Mendes de Castro e Vasconcelos, Raul Horta Silveira Furtado, Augusto Reis Machado e o nosso colega na imprensa Alfredo Lamas.

A caridade

Chá de caridade

Ainda este mez deve realisar-se, nas vastas salas da Associação Central da Agricultura Portuguesa, ao largo das Duas Igrejas, um «chá dançante» de caridade, organisado por uma comissão de meninas da nossa aristocracia a favor de varias obras de caridade.

Como todas as festas que são levadas a efeito por senhoras, este chá será decerto revestido de grande brilhantismo.

Casamentos

Realisou-se ha dias, sendo celebrante o reverendo prior da Encarnação, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, na capela da residencia da sr.ª D. Aurora de Macedo, a S. Pedro de Alcantara, o casamento de sua gentil filha D. Maria Luiza com o sr. Alberto de Melo Leite da Gama Lobo (Veiros), servindo de madrinhas a mãe e a irmã da noiva sr.ª duqueza de Miranda do Corvo e de padrinhos os srs. conde de Fontalva, que se fez representar pelo sr. capitão de fragata José Joaquim de Barros e José Alberto Cunha de Moura, filho do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimonia religiosa, que revestiu um caracter muito intimo, tendo apenas assistido os parentes mais proximos, foi servido no magnifico salão de meza um finissimo «lunch».

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Recitas elegantes

No Trindade

A noite de ontem, neste elegante teatro, segunda em que se apresentou a maravilhosa revista «La Tierra de Carmen», que na vespera alcançara um exito extraordinario, foi como era de esperar brilhantissima, vendo-se aí grande numero de senhoras da nossa primeira sociedade, entre as quais nos recordam os seguintes nomes: condessa de Castelo Mendo, D. Beatriz de Lancastre, D. Henriqueta de Oliveira Mereira de Almeida, D. Maria Luiza Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Maria José de Barros Lima Salgado, D. Flora Bastos Amaral e filhas, D. Luiza Malheiro de Seixas e filha, D. Maria Tereza de Araujo Lima Mayer de Magalhães, D. Angela Pinto Leite Carvojal Teles da Sylva (Tarcuca), madame Eugenio de Araujo, D. Rita de Mendonça de Sommer Pereira e filha, D. Adelaide Lima Cruz e filhas, D. Henriqueta Reis, D. Laura Sant'Ana Galhardo, D. Bela James Esteves da Fonseca, D. Maria Constança de Mendonça da Cunha e Costa (Ficôas), D. Maria Emilia Pinto de Vasconcelos e filhas, mesdemoiselles Costa e Silva, etc.

Pontos de reunião

No Nacional

Assistencia elegante á recita da moda e primeira representação da peça «Dentro do castigo», em que se estreou como autor dramatico o nosso prezado colega de redacção sr. Norberto de Araujo:

Condessa de Santar, viscondessa de Santo Tirso, D. Carlota de Serpa Pinto Santos Moreira, D. Cristina de Melo Manuel Bordalo Pinheiro, D. Ana Pinheiro de Melo de Arruela, D. Hortense Ferreira, D. Angelina Pavão Pereira Rosa, D. Maria das Dores de Melo e Castro de Trigoso, D. Eliza Carneiro Bordalo Pinheiro, D. Antonia Ferreira Pinto Basto, D. Helena de Melo e Costa da Camara, Madame Augusto Gil, D. Dulce Cortez, D. Amelia de Almeida Fernandes Costa, D. Maria do Ceu Ferreira de Almeida Leitão e filha, D. Amelia Fernandes Costa Neveis, D. Maria do Carmo Prestes da Fonseca de Andrade, D. Maria Fernanda de Quadros Ferro, D. Margarida Cambon Brandão, D. Caridade Joyce O'Neill, D. Maria do Carmo Brandão, D. Branca Bastos de Macedo, D. Maria Genoveva Cyrilo Machado Ferreira Pinto Basto, D. Virginia Viterino, D. Maria Valente, Mesdemoiselles Sousa e Silva, etc., etc.

No Politeama

Assistencia elegante á recita da moda de ontem, com a linda peça «Ondina», brilhante trabalho da notavel artista Amelia Rey Colaço:

Condessa de S. Miguel, D. Maria Antonia Tedeschi Placido e filha D. Alice, D. Maria Luiza de Borja Trindade Pais Mamede, D. Eugenia de Castelo Branco Alves Diniz, D. Maria da Conceição Tedeschi Placido de Torres Pereira, D. Alice Tenreiro Ilharco Bastos, D. Maria de Loreto Manuel de Borja Trindade, D. Maria Soares de Albergaria (Alljó), D. Margarida Seixas Pereira e filha D. Margarida, D. Francisca Emilia de Sousa Pais de Faria de Oliveira e Silva e filha D. Maria Alice, Mesdemoiselles Castro, etc., etc.

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará ámanhã «rendez-vous», de tarde, nas «matinées» do Salão Foz e Chiado Terrasse, e á noite, no S. Luiz, festa artistica do actor Alfredo de Sousa, com a «reprise» da linda opereta «O conde de Luxemburgo», na qual a graciosa estrela de opereta Auzenda de Oliveira desempenha, por especial deferencia, o papel de «Juliete Vermont», e no Politeama, festa artistica do actor Alfredo Ruas, com a primeira nesse teatro da peça «A migalha».

Novidades para Lisboa
Restaurant Franco-Italiano, antigo Suisso—Direcção Ercol.—Especialidades em glaces napolitanas—pezzi duri, cassale, ciciliane e granito. Jantar, 17$0. Ha concerto das 8 ás 12 horas. Enviam-se para fora encomendas de glaces.

FATOS E SOBRETUDOS
Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.°.

ESTAÇÃO DE VERÃO
os mais «chics» modelos
Casa Africana
Rua Augusta

OPINIÕES LIVRES

PAGINA
DE QUINTA-FEIRA
POR NORBERTO DE ARAUJO

O tempo passado — continua a viver. Ha na nossa roda de letras e de arte pessoas de solida e convicta cultura moderna, criaturas nos habitos exteriores e na vida social cheios do que ha de mais tempo presente, e que vivem exclusivamente do tempo passado.

O tempo passado para certas almas frescas — é uma volupia. Um vinho espumoso. Uma leitura dôce. Um vicio.

Toda a vida moderna do pensamento e da imaginação vem-lhes do que já não é deste mundo. Ressuscitar uma beleza morta, para esculpir na face do nosso tempo alguma coisa que dê a ideia do belo antigo, é para eles uma gloria. Escavadores de saudades, desenterradores de ilusões perdidas.

Tudo lhes serve: um brazão de uma porta, duas paginas soltas de um manuscrito, uma lapide funeraria, um retrato que não se sabe de quem foi.

Outras vezes — reconstroem. Onde está um palacio põem um templo, onde existe uma avenida colocam uma cêrca de frades, onde está um parque de prazeres fazem o adro de uma igreja.

E tudo isto com datas, com pormenores, com figuras que sobem e descem, e falam, e desesperam, e sofrem, e amam, e têm tanta vida e tanta verdade — que entram para o presente, e nele ficam instaladas com honras fidalgas ou prelaticias.

Nos homens que mantêm o culto do passado ha duas especies, que eu distingo: o arqueologo, coleccionador de cacos e de papeis, indigesto, erudito de pedregulhos e de tabuas de sacristia, antiquario de cubiculo, especie de hervanario, maniaco, frio, gelado mesmo, incapaz de ouvir bater o coração de uma cousa que ele teima que ainda vive, e o arqueologo consciente, apaixonado, subjectivo, cheio de uma emoção que chega para pôr de pé a vida gloriosa e sombria de um seculo inteiro, elegante de maneira literaria, culto, caprichoso, erudito sim, mas alegre, sadio, infantil.

Os primeiros andam com o passado pelo braço, desenterrado, escaveirado, fetido, usurario de preço, na face a côr da cera apodrecida nos castiçais que ladeiam em S. Vicente os sarcofegos do patriarca.

Os segundos—têm espirito. Vestem o seu passado de um sorriso de ante-ontem, fazem-no falar o português vernaculo dos nossos avós, contar anecdotas, desfazer equivocos, ser elegante, ser cavalheiresco, ser leal, ser rapaz com cento e cincoenta anos.

No primeiro há o fervor do beato; nos segundos a convicção do crente.

Desta segunda plana são alguns dos meus amigos dados a estas cousas, tão belas do tempo morto, e entre eles, em primeiro logar—Matos Sequeira.

Foi mesmo o seu ultimo livro que me dita estas palavras. O seu ultimo grande livro «Tempo Passsado», todo ele composto com a mais generosa das intenções, o mais leal dos processos literarios, a mais encantadora, a mais infantil, a mais carinhosa das maneiras. Ressuscitado por Matos Sequeira, qualquer trecho do tempo velho aparece vestido de menina, ora como nos vitrais que passeiam amor mistico pelas lages dos claustros, ora como nas telas do Visconde de Menezes que dão o amor ingenuo desfazendo rosas.

O passado da rua. do convento, do teatro, do Rocio, da intriga palaciana, da anecdota, da narrativa, todo ele, o serio, o rigoroso, o futil, o novelesco—é em Matos Sequeira um cantico de alegria. Vida nova que recomeça—pelo principio.

E' lindo este livro. Lindo e bom. Tambem se o livro para ser bom se tivesse de limitar a ser verdadeiro—adeus encanto das letras. Pôr um pouco de lindeza dentro da verdade, é evitar que ela cáia, mais tarde, em mentira.

* * *

Esta divagação do tempo passado fez-me lembrar uns minutos religiosos de emoção, de dôr do que não foi nada comigo, de resignação, de abnegação que eu não pratiquei, minutos de saudade alheia que eu vivi, com lagrimas sem as ter, uma vez no Convento das Trinas. Andei a passear por aquele chamado Arquivo dos Conventos.

Oh! Profanação!

Vi em gavetas, que outros antes de mim, incapazes de tirarem o chapeu, tinham aberto, cartas e cartas, montões de cartas intimas, ingenuas, delicadissimas, escandalosas algumas — dizem — e seriam, cartas das internadas dos conventos, noviças e irmãs, cartas de seus parentes, de seus amigos, de seus visinhos do coração, visinhos do mundo que já não era delas.

Tive de lêr. Não ter havido já um fogo, santo Deus! Mas logo adiante, sôbre um caixão de carvalho, onde tinham estado paramentos e livros, topei um cofresinho muito lindo, com incrustações e gemas, azas de amor em marfim, e cantos de prata velha. Abri. Uns papeis velhos, e um bocado de papel. Dizia isto, pouco mais ou menos:

«Estes são os meus rolinhos de cabelo, as minhas madeixas, que eu cortei no dia tantos de tal, quando entrei para aqui. Padre Nosso. Avé Maria.»

E o nome. O nome guardo-o; a cronica é como as esculturas e as figuras grandes de teatro. Está sujeita ás profanações dos olhos. O nome não importa. E era tão engraçado o nome!

E contemplei o cofre durante alguns minutos. Tempo passado, como eu o adivinhei! Tempo passado! Cabelos de mulher, em madeixas, em rolinhos só por si — seria pouco sugestivo. Mas a lembrança de os recolher, envolvendo a ideia da saudade, com aquela resignação do Padre Nosso, Avé-Maria, das alminhas pelas estradas, que mundo de vida morta a reconstruir.

Quando aquela Mulher se recolheu ao convento — porque não deitou fóra o cabelo? Porque o guardou, e guardando o assinou com o seu punho, a sua ternura, a sua pena de se enterrar em vida?

Para que alguem que um dia abrisse o cofre se lembrasse dela. Tocou-me Deus a mim com essa sorte.

Santa velhinha que estás agora na Belgica, num convento que eu não sei onde é!

Tempo passado

Madrugada de flores

Eram lindos os teus cabelos... Padre Nosso, Avé Maria...

* * *

E' belo este tempo de flores. Esta madrugada, depois do teatro, vim para casa a pé. Estou escrevendo rodeado de aromas acres que vêm dos quintais visinhos, e de perfumes das rosas dos canteiros da minha varanda aberta de par em par. A esta hora da madrugadada andam os perfumes á solta.

Do Rato, mesmo, até minha casa, só encontrei aroma pelo caminho, aroma não sei de que especie embriagante e pacificadora de flores, perfumes sadios, reconfortantes, que vinham dos jardins Palmela, depois dos jardins da casa Praia, e das Amoreiras, depois dos quintais e dos bocados de quinta da rua que leva ao Anadia, e por ali fora, os jardins das galerias e das casas ricas. Debruçavam-se os aromas dos muros, como rosas de toucar, ou donzelinhas esperando imaginarios cavaleiros. Tenho as narinas cheias daquela alegria, os meus olhos contentes da festa pagã das côres que eu não vi, e minha alma refrescada no contacto desta frescura — que só anda de madrugada, como os sonhos e os boémios.

Se não fossem as flores, esta dansa misteriosa de perfumes e de canticos de galo, agora de madrugada, talvez que me parecesse bem escrever sobre a vida dos homens e a miseria das cousas terrenas.

E' belo este tempo de flôres! As flôres fora mesmo do campo da literatura e das elegancias, são boas amigas. Se são! Eu compreendo a paixão de certos homens pelas flôres; a das mulhereres é que não entendo. Nem nelas acredito. As mulheres querem ás flôres como um elemento de *coquetterie*, de adorno, especie de espelho, especie de criadinhas da sua graça, escravas dos seus olhos. Não as entendem. E' rara a mulher que percebe as flôres. Os homens percebem-nas sempre.

Uma tarde destas, deante de um florista, que tinha num jarrão um molho de cravos milagrosos, explendidos, estava um homem parado. Olhava, olhava. Não tirava os olhos dos cravos. Parecia — tonto. Não está o enamorado mais preso da sua visão do que aquele homem estava. E a sua cegueira pelas flôres chamou-me a atenção. Fiquei a vê-lo. Passava os olhos, como um pai, pela mancha viva dos cravos sadios. Acariciava-os. Depois — seguiu seu caminho. Nenhuma mulher seria capaz de contemplar assim uma braçada de rosas.

Que misterio seria, afinal, o daquele homem? Teria alguem o quem dar flôres e não teria cinco réis comsigo. Ou talvez tivesse dinheiro—mas já não tivesse a quem dar as flôres.

Norberto de Araujo

Não sofram mais dos pés

Pois um simples tratamento curará todos os vossos males. Basta dissolver uma colher de sopa de **Saes «Dermoxa»** em 2 a 3 litros de agua quente e banhar os pés durante 10 a 20 minutos nesta solução para que desapareçam rapidamente a **inchação, entorpecimento, pizaduras** e todos os males ocasionados pela marcha, fadiga e pressão do calçado.

«**Dermoxa**» amolece os **calos, durezas, olhos de perdiz** e outras calosidades dolorosas, suprimindo as dores agudas e tornando facilima a sua extracção «**Dermoxa**» é soberano contra os **joanetes, bolhas, comichão, queimaduras, transpiração, mau cheiro** e a **irritação** provocada pelo calor e o suor.

— A' VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS —

Concessionario unico para Portugal e Colonias: — **MARIO BRANDAO, Ltd. — R. Eugenio dos Santos, 99, Lisboa**

CALDAS DA FELGUEIRA
(Canas—Beira Alta)

As melhores da Europa na cura da bronchite, asma, «cansaço do coração», doenças de pelle, «phelibites», Arteritismo e gota

Abertura 1 de junho do Balneario e Hotel Club

Informações em Lisboa —Rua do Ouro, 275

AOS MARCENEIROS

Guarnição	2 filetes	em	freijó	a 800
»	gaveta	»	»	» 750
»	grade	»	»	» 1.100
»	socco	»	»	» 1.100
Cimalhas		»	»	» 2.800

Guarnecimento em todos os feitios para Marcenaria e Carpintaria

68 — Campo dos Martires da Patria — 68

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO 140

TEATRO SÃO LUIZ

HOJE ás 9 da noite HOJE

A celebre opereta de grande exito

A PRINCESA DOS DOLLARS

Protagonista: ALDINA DE SOUSA

A'manhã, 16 — Festa artistica de ALFREDO DE SOUSA, com a «reprise» esta epoca da opereta «O CONDE DE LUXEMBURGO»

TEATRO SÃO LUIZ

Empresa A. RAMOS, Ltd.

Encerra-se no proximo sabado, pelas 5 horas da tarde, a assinatura para as

7 — Unicas recitas — 7

da companhia franceza de

André Brulé e Madeleine Lély

ESTREIA A 22 DE MAIO

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Rua Nova do Almada, 80-1.º
da 1 ás 3 Tel. C. 535

A Cidade

A Portugal, Lda
CALÇA MEIO MUNDO

Chá das cinco

Livros

«Aguarelas portuguesas»

Em Portugal, ultimamente, trabalha-se muito em literatura. Aparecem, todos os anos, numerosos livros, especialmente na primavera; os livros vêm com as flores, livros de prosa, livros de versos, mais ou menos coloridos, mais ou menos perfumados, mas anunciando que uma grande actividade intelectual se desdobra de norte a sul, neste Portugal tão agitado de ameaças e de greves, mas tão azul e tão cheio de luz que nem isso consegue intristece-lo e só sentem a tristesa aqueles que a têm na sombra do seu proprio coração.

Nesta primavera, nos dias da Semana Santa, apareceu á venda, modestamente, um livro, que nem por um pseudonimo indiscreto deixa suspeitar o autor, pois é firmado apenas por duas simples iniciaes: M. G.

O livro intitula-se: «Historias da tia Lily» e tem por sub-titulo «Aguarelas portuguesas».

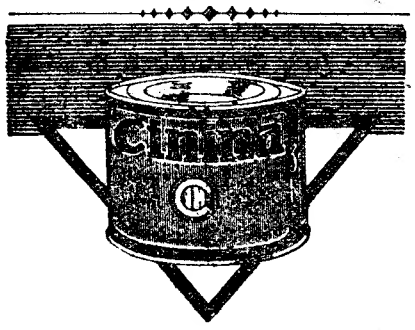
Eu teria preferido o contrario, porque o livro é realmente uma série de «aguarelas», apenas unidas com um leve fio de enredo, e nessas aguarelas, graciosos quadrinhos, os tipos passam, delicadamente traçados, com uma grande compreensão das figuras dos nossos camponezes, evidentemente camponezes do norte, e alguma coisa na observação e nas palavras que parece revelar-nos mão feminina.

Deve ser o livro duma senhora, duma senhora que vive e pensa e para quem o campo não é apenas um logar de repouso ou de recreio. Nem sempre conseguimos, ou podemos, ou queremos viver a vida que nos rodeia, mas devemos observa-la, senti-la, entende-la, porque só assim se faz algum bem, se tem alguma indulgencia e só assim nos arrancamos de nós mesmos, o que é sempre preciso e muitas vezes salutar.

Nas «Aguarelas portuguesas», os costumes das nossas aldeias são pitorescamente descritos, e tanta gente os ignora, que para muitos será apreciavel novidade essa leitura e quem conhece a vida campesina poderá verificar-lhes a exactidão.

Nas nossas livrarias faltam um pouco os livros que as raparigúinhas possam lêr e este livrinho, delicado e despretencioso, tem tambem essa qualidade, entre outras, sobre que não me alongo, porque nem sou critica literaria (os poetas são em geral maus criticos) nem a saude me ajuda.

Maria de Carvalho



Na pintura de interiores, nem as proprias tintas a oleo dão tão bons resultados como a Tinta d'Agua CININA, economica e duradoira,

da

COMPANHIA INDUSTRIAL DO NORTE

Agentes de vendas para todo o país:
DIAS & PINTO LOPES, L.DA
R. Passos Manuel. 75—Porto

A venda: JOAO NUNES DOS SANTOS
Rua do Mundo, 106 — Lisboa

TEATRO PORTUGUÊS

Uma apreciação critica sobre a peça "Dentro do Castigo,,

que ontem no Teatro Nacional foi representada pela primeira vez

Norberto de Araujo, com a sua primeira peça, que ontem se representou no Nacional, conquistou o direito de ser discutido com calor, mesmo com paixão, por todas as pessoas que vejam no caso que ele dramatisou alguma coisa mais que um futil pretexto para ocupar um teatro com as invenções e arruidos da sua musa.

Não escreveu uma peça de tese, porque ao seu feitio literario, á independencia da sua fantasia e ao garbo da sua pena repugna esse cometimente pesado, arcaico e inutil que tem como resultado inevitavel converter a emoção em eloquencia e esta em semsaboria.

Dentro do castigo é um ardentissimo canto á Bondade, disciplinada e forte, que sabe perdoar as deslealdades e as traições, mas criando no homem que perdoa um tão sereno dominio de si proprio que, no momento em que a colera vai explodir-lhe nos labios em rudes imprecações, ele atinge, por um doloroso, mas soberano esforço interior, a plena liberdade de se sacrificar pela salvação dos outros.

Norberto de Araujo, que é um temperamento lirico bastante desigual, em permanente conflito com os varios duendes sentimentais que ora o abrandam, ora o arrepiam, tentou principalmente criar uma harmonia, uma onda melodica para se liberar das suas tormentas.

Se afirmassemos que realisou inteiramente o seu intento, seriamos menos verdadeiro. Dizendo que a sua estreia constitue uma afirmação audaz da sua provada tendencia para se lançar em aventuras perigosas, a fim de saír se delas de cabeça levantada, não cometemos um exagero. Os proprios espectadores que menos apreciaram o *Dentro do castigo*, dar-se-hiam, porventura, ao incomodo de tão rumorosamente exprimirem a sua discordancia, se não estivessem no proposito velado de prestar uma homenagem ao seu autor?

Nós em Portugal temos um pouco a mania de nos diminuirmos e molestarmos uns aos outros, guerreando os jovens dramaturgos, como se a serena representação das suas obras encerrasse uma afronta para alguem.

As nossas *premières* são campos de batalha em que as varias capelas literarias ajustam as suas contas. Tal sanha seria de temer, se todos nós não soubessemos que, depois de tantos golpes dados e recebidos, as peças de valor cobram grandes alentos, mesmo com a metralha que lhes atiram.

Norberto de Araujo, depois da prova decisiva por que passou, ha de ter um publico muito mais calmo, a escuta-lo, concordando ou divergindo dele, mas não lhe recusando a admiração que merece. A' critica sensata dos que lhe apontem defeitos e erros de tecnica, deve prestar atenção, quando menos para fingir que tem um alto desejo de ser ensinado.

Quando, porém, lhe disserem que *Dentro do Castigo* não é uma peça verdadeira nem sequer verosimil, diga a esses mestres psicologos que a vida e a arte têm o raro poder de se situarem, entre o banal e o tragico, entre o vulgar e o heroico, onde melhor o entendam.

Nenhuma das suas figuras é vazia de sentido, se exceptuarmos aquelas que surgem episodicamente para rapidos efeitos de pitoresco. Todas as que entram na acção aparecem nela como elementos necessarios para lhe definirem a amplitude e as complicações que lhe aumentam o interesse.

Paulo é um nobre caracter cuja fôrça se traduz nos seus actos e na independencia com que mantem o seu direito a ser bom, mas não retorico. Ele possue quasi toda a substancia da peça. Os outros sentem nele uma superioridade que os vence e convence. E' porventura até este *trop plein* de vida que, de vez em quando, parece torná-lo o animador secreto da alma dos outros.

Julião, o velho criado, reage contra ele, com a sua barbarie, impotente e musgosa. Não compreende que o seu amo se mostre clemente para com uma esposa adultera e um amigo que urde a traição no seu proprio lar.

Porque não expulsa a pecadora e não mata o covarde D. João?

Paulo, que foi noutros tempos um homem de soluções violentas, de vinganças exemplares em questões de honra e brio, acha-se agora numa fase tolstoiana de renuncia, perante os clamores da opinião. Do rigor com que se julga a si mesmo, não extrai contra os seus semelhantes uma moral de maximas rigidas ou severas. E' clemente, porque se compadece das fraquesas alheias e nesta placida piedade ele aceita as lagrimas penitentes de sua esposa e a submissão tortuosa de Raimundo.

Este, sem energia para ser um grande canalha, aceita-se na hipocrisia, confundindo no mesmo gesto imperfeito o odio e o respeito ao seu amigo.

Helena pertence ao numero das mulheres que, emquanto executam ao piano o seu Chopin, deixam vogar o coração ao sabor das tentações. E' uma insatisfeita no lar.

Para onde a levarão as quimeras vagabundas? O adulterio é o caminho rebelde e prosaico que se abre, diante da sua febril curiosidade.

Terá o animo bastante para o seguir, alucinadamente, escravisada pela sugestão empolgante de Raimundo?

A sua coragem é fragil como a sua revolta.

Apenas se vê a sós com o homem que, no seu domicilio, lhe parecia uma criatura de eleição, reconhece o seu erro, o seu peca'o, a abominação do seu proceder, e por isso volve ao bem perdido.

Ao entrar em casa, esperando, como um justo castigo, que Paulo a amaldiçôe, recebe deste o perdão total para a sua falta.

Coração transviado, mas não corrompido, purifica-se, reentrando, finalmente, no seu papel de esposa.

Maria Luisa, que é o encanto lirico e passional — o amor sem esperança, a tortura sem remissão — de *Dentro do Castigo*, traz na sua maguada mocidade um signo de desventura. Quiz a sorte que ela — aspiração sem macula — se afeiçoasse a um homem que é incapaz de sentir a puresa da sua dedicação.

Norberto de Araujo — e aqui descobre ele uma simpatica inexperiencia — *arranjou* muito a sua peça, sacrificando a uma especie de disposição simetrica a ardencia e sequencia das scenas. Mas ninguem poderá contestar-lhe uma autentica sobriedade no aproveitamento dos motivos, nunca cançando o espectador com repetições excusadas nem alongamentos sôbre o mesmo tema.

A sua sensibilidade deu-lhe a compreensão exacta do momento propicio em que os peitos, os afectos, as almas e as paixões têm que abrir-se ou explodir.

Achamos que a direcção do Nacional, acolhendo carinhosamente o original de Norberto de Araujo, cumpriu gentilmente o seu dever. Se temos o proposito de possuir um teatro bem nosso, criem-se e animem-se dramaturgos. Os que, nos ultimos anos, se revelaram, formam já uma falange digna dos maiores incitamentos e aplausos. Norberto continuará a trabalhar. Aos seus interpretes deve ele apertar as mãos reconhecido.

Ilda Stichini foi uma Maria Luisa sem rival

(Vai continuado na 8.ª pagina).

NO MUSEU DE ARTE ANTIGA

CRISTAIS e porcelanas da Fabrica Vista Alegre serão expostos no proximo dia 20

Como anunciámos, deve inaugurar-se no proximo dia 20, numa sala do Museu de Arte Antiga — cujo ilustre director sr. dr. José de Figueiredo não se tem poupado a esforços no sentido de que revista a maior grandiosidade — a exposição retrospectiva dos produtos da Fabrica da Vista Alegre.

Como se sabe, a Vista Alegre comemora este mês o seu centenario. E nada mais interessante, para o comemorar, que patentear aos olhos do publico a obra feita durante cem anos debaixo da direcção carinhosa da familia Pinto Bastos que ininterruptamente tem tido não só a propriedade mas a gerencia tecnica da importante fabrica.

Esta exposição organisada por uma comissão de que fazem parte alguns dos melhores nomes da nossa arte e da nossa literatura, constitue um notavel acontecimento que, honrando muito a familia Pinto Bastos, honra sobretudo o nome industrial e artistico de Portugal.

Para esta Exposição de porcelanas e cristais tem continuado a chegar peças lindissimas, emprestadas pelos coleccionadores que assim as tornarão conhecidas e portanto mais valoriadas.

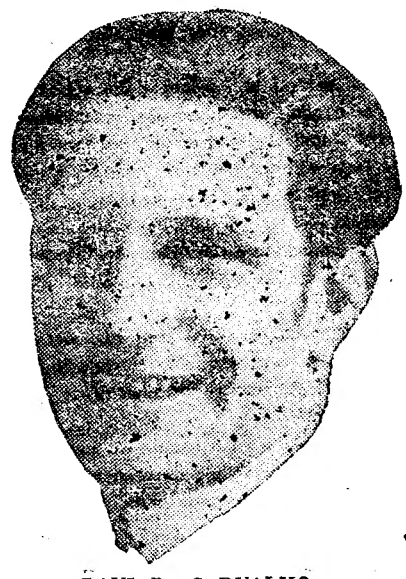
* * *

E' esta a melhor homenagem que se póde prestar á figura admiravel do fundador da Fabrica, sr. José Ferreira Pinto Bastos e aos seus descendentes que com tão carinhoso cuidado têm mantido uma das nossas mais notaveis industrias, cujos produtos pódem pôr-se ao lado dos das melhores fabricas do mundo.

E isto apesar de terem de sustentar uma luta sem tréguas contra o preconceito de só se achar bom o que é estrangeiro — motivo principal de se terem perdido algumas peças que hoje teriam um enorme valor.

A FESTA DE RAUL DE CARVALHO e a peça "Filha de Lazaro"

O brilhante actor Raul de Carvalho, que na companhia Amelia Rey Colaço tem desempenhado com notavel relevo inumeros papeis—



RAUL DE CARVALHO

realiza hoje a sua festa artistica com a representação do admiravel drama rustico «Filha do Lazaro», uma das mais belas peças do teatro contemporaneo, escrita por Norberto Lopes e Chianca de Garcia.

Fecha o espectaculo a comedia em 1 acto «Sang e gorda», dos irmãos Quinteros, em que entra a ilustre actriz Amelia Rey Colaço, por especial deferencia [illegible]

A Cidade

ESCOLA MODERNA
de escrita á maquina
R. do Arco do Bandeira, 231
LISBOA

NOS MEIOS OPERARIOS...

A U. S. O.

tem receio de que os politicos

se aproveitem

da greve geral

Durante o dia de hoje, têm circulado nas ruas grande numero de carroças guiadas por militares e pelos seus proprietarios. O governo mobilisou 20 automoveis ligeiros, numa «garage» da rua Andrade Corvo, para serviço clinico e do ministerio da Guerra. Para o Porto seguiram muitos «chauffeurs» mobilisados.

Esta manhã reuniram na C. G. T. alguns delegados da comissão de transportes com o secretario da U. S. O., para apreciarem a plataforma que ontem foi aprôvada, suspendendo os artigos 7.º e 8.º da lei que eleva as multas.

* * *

Fala um delegado do conselho da U. S. O. sobre a possivel greve geral:

—Qual a atitude da classe operaria no caso do sr. ministro se não conformar com a plataforma?

—O que está indicado é a greve geral.

—E não havia maneira de a evitar?

—Só quem assistiu ás reuniões do pessoal de transportes é que pode avaliar os esforços empregados pela comissão de melhoramentos e pelo secretario da U. S. O. para que as classes em greve retomassem hoje o trabalho.

—E a greve, a declarar-se, não trará graves consequencias?

—A dentro da organisação ha quem a receie muito.

—Porquê?

—Consta-nos que elementos politicos pretendem aproveitar-se do nosso movimento para fazerem uma revolução. E' isso que nós pretendemos evitar. Não queremos nada com politicos.

—E a não proclamarem a greve geral?

—Se a não declararmos, ficamos numa situação deprimente perante o Porto, Castelo Branco e Braga. Vamos a ver o que hoje se resolve.

* * *

Famos tambem ouvir o chefe do distrito, sobre os boatos da greve geral:

—O que ha no Porto?

—Apenas a greve de transportes.

—Para que seguiu para lá o *Vasco da Gama*?

—Essa noticia carece de fundamento.

—Chegaram varios contingentes de forças militares do norte?

—Não sei. Está tudo socegado.

—E a greve geral para ámanhã?

—O governo tomou todas as medidas, para o caso dela surgir.

—E sobre a greve de transportes?

—Está quasi normalizada.

—Mas...

—Hoje deu-se um caso grave na praça dos Restauradores.

—Algum atentado?

—Não senhor. Os grevistas espalharam grande quantidade de pregos na rua, com o fim de romperem as camaras de ar...

DE LUTO

Emilio Segurado

Tivemos hoje a noticia dolorosa do falecimento, em Moura, do sr. Emilio Segurado, que durante muitos anos administrou com honestidade e proficiencia o jornal «A Lucta».

Nos ultimos anos, Emilio Segurado teve o seu nome ligado a varias empresas teatrais, criando á sua roda vivas simpatias pela sua bondade e explendido caracter.

A' familia enlutada e, especialmente, ao nosso amigo sr. José Segurado, endereçamos pesames sentidos.

Francisco Antonio Ferreira

Faleceu ha dias, na freguesia das Donas, concelho de Fundão, o sr. Francisco Antonio Ferreira, pai do estudante de engenharia sr. José [illegible] Silva, á quem apresentamos pesames.

DUAS REVOLUÇÕES?

"Nós não queremos governar queremos quem nos governe,,

é o lema

do movimento militar

que foi anunciado no Parlamento

A politica anda á volta dos acontecimentos, não anda á volta dos homens. Se quereis saber um segredo—um segredo de Estado, ou um segredo militar—metei na camara escura do anonimato, o personagem que o revela. A verdade, só é verdade e só tem interesse, quando se oculta. Por isso, esta pequena entrevista que ides lêr, sem deixar de ser verdadeira e de ser actual, não tem o nome do entrevistado. Se o tivesse... o leitor desconhecia, horas antes, dias antes, ou meses antes, os antecedentes de mais uma revolução que, ha bem pouces dias, foi anunciada na Camara dos Deputados.

—Interrogue—diz o politico, descendo o Chiado.

—O que se passa? Fala-se numa revolução...

—Já me informaram de duas...

—A primeira...

—E' melhor dizer: uma delas é...

—E'...

—Avançada...

—Nomes...

—Dificil de precisar ou indicar um. Elementos extremistas, apanhados nas ruas, nos cafés, nas associações de classe...

—A outra...

—E' mais grave, possivelmente, mais importante. De envergadura—mais forte.

—Militar?

—Sim. E com um lema curioso. Ora oiça e fixe, mas não escreva: *não queremos governar, queremos quem nos governe.*

—Os galões...

—Altos. Alguns deles andaram na guerra e entraram na politica, sem lhe pertencerem...

O nome? dirá o leitor. Por emquanto—segredo jornalistico.

—Não querem então formar governo os revolucionarios do ultimo movimento?

—Pelo lema, parece que não. Estão dispostos a aclarar a situação politica e não outra dando-lhe todo o seu apoio e toda a sua força...

—Quem sofre—é o governo.

—A revolução não é contra ele. E' contra a politica de todos os governos.

—Politica de palavras e não de factos...

—Talvez...

—Mas o Alvaro de Castro...

—Aguenta-se, mas não está consolidado. A moção de confiança, outro dia, na camara, teve uma fraca votação...

—Sinal dos tempos. O norte politico, se as revoluções falharem, não estará no Partido Democratico.

—O Antonio Maria...

—Não formará governo. Dentro do partido, o radicalismo manda. Os poucos conservadores estão no Parlamento. A praça publica do Partido Democratico é avançada, radical; quere resolver a situação á força. Conseguil-o-ha?

ORDEM PUBLICA

"O socego é completo em todo o paiz,,

assegura ao "Diario de Lisboa,,

o ministro do Interior

O coronel sr. Sá Cardoso, ministro do interior, que recebeu esta tarde o jornalista a fim de o informar sobre os boatos de alteração de ordem publica, quebrando um pouco a sua calma habitual, começou por nos dizer o seguinte:

—Era preferivel que os senhores jornalistas, antes de publicarem noticias alarmantes, telefonassem para este ministerio, onde ha sempre alguem que pode responder...

—V. Ex.ª culpa, então, os jornais...

—De alarmarem a opinião publica.

—Os jornais não inventam. Orgãos de informação, limitam-se a dizer o que ha, o que transpira, o que anda no ar...

—Mas ha boatos que não têm a minima justificação.

—Como estes agora?

—Sim, como estes.

—O governo garante, pois, pela pasta do Interior, que estamos em absoluta concordia?

—O futuro a Deus pertence—mas até o momento presente o socego é absoluto.

—E no Porto?

—Não ha nada.

—Mas o governo, esteve ontem até perto das cinco e meia da tarde, á espera de qualquer comunicação telefonica da capital do norte?

—E' outro boato sem fundamento. No Porto não se passa nada de anormal.

—Como se justifica então o boato?

—Talvez pelo facto de eu ter proibido um comicio das classes trabalhadoras (trabalhadoras ou em descanço) que estava para se realisar.

—O governo está preparado devidamente para reprimir qualquer acto de rebelião?

—Pelo que toca ao meu ministerio a ordem será absolutamente mantida. Mas não devo haver nenhum acto de rebelião.

—Os avançados em politica—boato talvez mais justificavel—dizem que conspiram...

—Conspirarám sempre. Parece impossivel que ainda haja, depois de tanta dura experiencia, quem acredite na eficacia das revoluções. Como se depois de uma revolução não ficasse tudo peor!

—E o que pode v. ex.ª dizer sobre greves?

—A greve dos transportes já estava solucionada se não fosse a atitude dos «chauffeurs». Convem-lhes a greve—pois, embora não trabalhem, têm comida certa. A greve só não convem aos carroceiros, que têm cavalos a sustentar.

—Mas tem que haver uma solução...

—Evidentemente que tem. Todavia, a plataforma apresentada pelos grevistas não podia ser aceite pelo governo. Ha nela exigencias demasiadas, com os quais não pode o governo transigir. Eu entendo, na verdade, que a lei é má, que deve ser modificada, mas entendo, tambem, que ha exorbitancia, por parte dela.

—E padeiros—e telegrafo-postais?

—Não são assuntos do meu ministerio. Creio, porém, que a ânunciada nova greve dos padeiros não tem nada a justifica-la—e quanto aos serviços de correios consta-me que estão devidamente asssegurados—salvo as telegraficos, em virtude de algumas linhas terem sido cortadas.

—Nada, pois, de anormal, não é verdade?

—Até o momento presente nada de anormal. E não se esqueçam de telefonar para aqui sempre que chegue á redacção um novo e importante boato.

Pelos teatros

Chaby Pinheiro

Realisa amanhã a sua recita, no Avenida, o illustre actor Chaby Pinheiro, que hoje enfileira no grupo dos nossos mais notaveis artistas. á força de estudo, de perseverança, de tenacidade, valendo-se do seu enorme talento para vencer todas os dificuldades, pelo que a sua

CHABI PINHEIRO

carreira, não isenta de escolhos e tropeços, tem sido, acima de tudo, a de um hamem a quem a Arte bafejou, mas que a sua vontade de ferro fez com que se tornasse brilhante, honrando o nosso pais. Chaby Pinheiro, pela sua rara cultura, além de professor distintissimo, é hoje o artista melhor relacionado, não tendo, portanto, demasiado afirmar que a noite de amanhã será de grande alegria para ele, tanto mais que oferece aos seus amigos e admiradores, pela ptimeira vez, a interpretação do difícil papel de «Mr. de Beverley», da peça «O grande magico», na qual tem uma das suas maiores creações.

Alfredo de Sousa

E' ámanhã a recita de Alfredo de Sousa. E', por conseguinte, noite de grande festa no S. Luís. Novo na idade e na arte, de Alfredo de Sousa se pode dizer que chegou, viu e venceu. E que se impoz á admiração e á simpatia do publico pela sua inteligencia, pela sua probidade artistica e por um grande amor ao estudo e á sua profissão, que o leva a cuidar todas as personagens com a mais carinhosa solicitude.

O programa de ámanhã é sensacional e digno do homenageado. Faz-se a «reprise» da magnifica opereta «O Conde de Luxemburgo», com dois grandes atrativos: o papel de Julieta Vermont, feito pela primeira vez, por Auzenda de Oliveira; e o de principe Basilio Basilcwich pelo festejado, que certamente marcará no seu desempenho mais um grande exito.

No acto de variedades que se segue, com um belo programa, tomam parte Adriana de Noronha, Henrique Alves, Armando Saraiva e Nicolino Milano.

Atrás do reposteiro

A cançoneta que o ilustre actor Chaby fará na revista «Mayonaise», que faz parte do esplendido programa da recita de homenagem a Armando Vasconcelos, que se realisa na noite de sabado proximo, no S. Luís, obteve um culto grandioso no Porto. Presta-se gentilmente a acompanhar ao piano a brilhante soprano ligeiro Cacilda Ortigão, um companheiro de «tournée», o maestro compositor Tomás de Lima.

—A segunda peça de grande espectaculo que a companhia Velasco porá em scena, no Trindade, será «La leyenda del beso» (A lenda do beijo), cuja montagem custou uma fortuna e da qual nos dizem maravilhas.

—Noticias vindas de Lourenço Marques dizem-nos que a companhia de opereta Eduardo Raposo, actualmente naquela cidade, tem feito um grande sucesso, obtendo fartos interesses.

—Realisa ámanhã a sua festa, no Politeama, com a peça de Nicodemi, «A Migalha», o actor Alfredo Ruas, o qual não faz passagem de bilhetes, encontrando-se estes á venda no camaroteiro.

—Carlos Mendes, antigo jornalista, secretario de empresas teatrais, realisa a sua festa em S. Carlos, na proxima terça feira, com uma das peças do repertorio de Lucilia Simões.

—A peça a subir á scena depois de «As Fogueiras de S. João», ainda em pleno exito no teatro de S. Carlos, é o original brasileiro de Renato Viana, intitulado «Salomé», que obteve no Brasil cêrca de 200 representações. A «première» em S. Carlos será dedicada ao embaixador do Brasil e colonia brasileira.

No Coliseu dos Recreios

A opera «Traviata» a preços populares

Mais uma magnifica opera a preços populares vai hoje á scena, no Coliseu dos Recreios, para alegria dos amadores de boa musica: a admiravel «Traviata», do maestro Verdi que o publico de Lisboa apreciou sempre, em todas as epocas, pela sua linda e inspiradissima musica.

A «Traviata», que tem um excelente desempenho por parte de todos os seus interpretes e especialmente pelo notavel soprano Luisita Cortés, deve chamar ao Coliseu farta concorrencia, tanto mais que o preço dos seus «fauteuils» é de 10$00 e a geral a 3$50

Amanhã canta-se, em primeira representação, a linda opereta do maestro Jean Gilbert, «A Casta Suzana».

= POLITEAMA =

Empresa LUIZ PEREIRA Tel. 3028-N.

HOJE, ás 21,30

Recita do actor RAUL DE CARVALHO

Unica representação da peça rustica, em 3 actos, de Norberto Lopes e Chianca de Garcia

FILHA DE LAZARO

Unica rep. da peça num acto, dos Irmãos Quintero

SANGRE GORDA

interpretada em espanhol por Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro

Ámanhã Festa de ALFREDO RUAS

«A MIGALHA» (Scampolo)

S. CARLOS Telef. C. 3063

HOJE, ás 9 1|2 (21,30) da noite

Recita da Moda, a peça de Hermann Sudermann

AS FOGUEIRAS DE S. JOÃO

maravilhosa criação de LUCILIA SIMÕES

Não ha locação — Frisas e camarotes, 40$, 30$, 20$, e 12$. «Fauteuils», 9$, e varandas, 2$50.

TEATRO SÃO LUIZ

SABADO, 17 de maio de 1914 Ás 21 3|4

Recita de Homenagem a ARMANDO VASCONCELOS

Concertos e recitações

Pelos ilustres artistas Cecilda Ortigão, Maria Matos, Amelia Bastos, Auzenda de Oliveira, Henrique Alves, Francisco Benetó, Sachá Gondine e o seu Jazz-band, Tomás de Lima e Julio Silva

O Sapatinho de Baile

Peça em 1 acto, desempenhada pelas insignes actrises Lucilia Simões e Palmira Bastos.

MAYONAISE

Revista de Erico Braga e Barbosa Junior, com musica de Freitas Branco, pela companhia Lucilia Simões-Erico Braga, sendo a orquestra regida pelo seu autor e na qual toma parte o notavel actor Chaby que cantará uma cançoneta.

FRASQUITA

(2.º acto) Bilhetes á venda

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE, ás 21,30 ENORME EXITO

SEGUNDA representação da peça em 3 actos

DENTRO DO CASTIGO

original de NORBERTO DE ARAUJO

Esplendido desempenho em que tomam parte alguns dos principais artistas deste teatro e primorosa enscenação de Augusto de Lacerda

TEATRO AVENIDA

Tel. N. 4356 COMP. CREMILDA-CHABY

HOJE — ás 21,30 Ultima representação da desopilantissima comedia de grande sucesso

O CONDE BARÃO

A'manhã Recita do actor Chaby Pinheiro

A notavel peça de extraordinario exito

O GRANDE MAGICO

TEATRO da TRINDADE

Tel. C-876 Empreza José Loureiro

Companhia de Revistas e Feeries Velasco

RECITA POPULAR

La Tierra de Carmen

Não ha entradas de favor

Teodore de Sardou

O maior sucesso da actualidade

Foi sem sombra de duvida um empolgantissimo e brilhante sucesso a estreia que o Condes realizou da estupenda realização italiana do magnifico drama de V. S. dou «Teodore» a tragedia dos amores e desventuras da cortezã que a paixão de Basileus Justiniano guindou ao trono. E' uma intensa obra de arte em cuja enscenação se dispenderam milhões pois houve que se reconstruir a cidade eterna de Bysancio, maravilha das maravilhas. Na interpretação desta colossal obra de arte interveem 300 artistas e 15.000 figurantes. E o maior assombro da cinegrafia latina. Tambem o Cinema Condes apresenta em ultima exibição a extraordinaria pelicula de arte, o drama passional em 4 partes «O ultimo sonho» interpretação sublime da divina Francesca Bertini, a preferida do publico e em especial da «élite» mundana que frequenta o Cinema Condes o salão mais elegante da capital. A'manhã estreia-se um lindo «film» de arte chamado «Beijada» pela fulgurante Maria Provost. Na proxima semana um grande «film» de Pina Menichelli e logo a seguir o deslumbrante «Tumulo Indio» com Mea May, Olaf Fons, Coured Verat e mais 3 vedetas alemãs cujo nome desvendaremos a seu tempo.

Eden Teatro Telef. N. 3.800

SEMPRE ás 9 e 3|4 (21,45), findando á meia noite e quarto (0,15)

O mais alegre e deslumbrante dos espectaculos

A mais graciosa e aparatosa das revistas

FRUTO PROIBIDO

original de Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa com todas as suas novivades, atraeções e surpresas

T. M. E.

1.ª praça para a venda em hasta publica dos navios dos Transportes Maritimos do Estado

Afim de se dar execução á lei n.º 1577 de 10 de Abril findo, sobre a liquidação da frota do Estado, se faz publico que no dia 17 do corrente mês terá lugar pelas 14 horas, na séde dos T. M. E., rua dos Remolares, n.º 35, 1.º, a primeira praça para a venda em hasta publica dos seguintes navios: «Amarante», «Cunene», «Fernão Veloso», «Gaza», «Goa», «India», «Inhambane», «Lagos», «Machico», «Mormugão», «Pangim», «Porto», «Pungue», «Quelimane», «Santo Antão», «S. Jorge», «S. Vicente» e «Traz-os-Montes».

Os navios serão vendidos nos termos expressos na Lei, sendo tomada como base de licitação a sua avaliação oficial, e com o seguinte: casco com todos os acessorios; mastreação e seu apetrechamento; maquinas principais e auxiliares; caldeiras e embarcações.

Estes navios encontram-se desde já patentes ao publico, todos os dias uteis das 12 ás 17 horas.

Na séde dos Transportes Maritimos do Estado fornecer-se-hão todas as informações que os interessados desejarem.

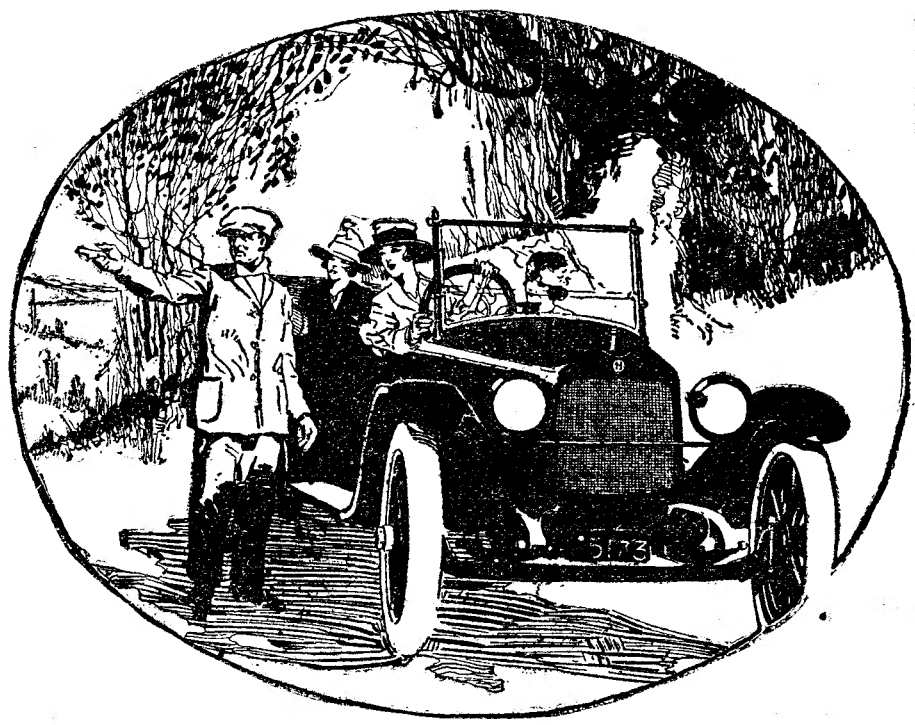
O pregoeiro e agente: MANUEL FERREIRA

Comissão Liquidataria dos T. M. E.

O PRESIDENTE,

(a) AIRES DE CASTRO E ALMEIDA

Hupmobile



Preço actual despachado Esc. 49.500$00

AMERICA HALL, L.TD **37-A-B, Rua da Escola Politecnica**

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

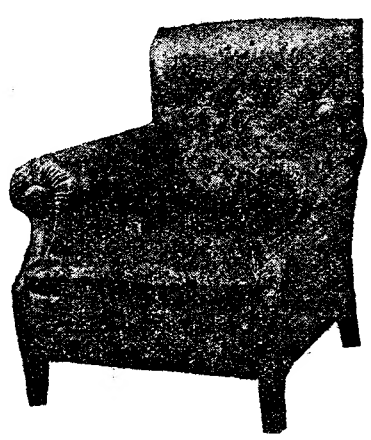
CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40 — (Predio todo)

TEL. C. 3082



Aguas de Sintra, Limitada

Protesto

Aos treze dias do mês de Maio do ano de mil novecentos vinte e quatro, nesta vila de Cintra e cartorio do notario publico desta comarca, bacharel Virgilio Horta, sito na rua Guilherme Gomes Fernandes, ante mim Joaquim Mario Garcia Cunha, ajudante oficial do mesmo notario, servindo no seu empedimento legal e as duas testemunhas idoneas do meu conhecimento, ao deante nomeadas e no fim assinadas, compareceu Mario Duarte, casado, comerciante, morador na rua Braancamp, A. F. B., da cidade de Lisboa, individuo este idoneo a quem eu, ajudante de notario conheço pelo proprio, do que dou fé. E por ele, ante mim, ajudante de notario, e as duas referidas testemunhas, foi dito:

Que na qualidade de socio que é da «Sociedade por quotas «Aguas de Cintra, Limitada», e seu unico gerente, e de conformidade com as respectivas prescrições de direito, consignadas no Codigo Comercial, na Carta de Lei de onze de Abril de mil novecentos e um sobre a sociedade por quotas, e no Codigo do Processo Comercial, protestava contra a ilegal e abusiva reunião dos socios José Miguel Corrêa, Antonio Vicente Moraes e Anibal Mota, que teve logar nesta vila ontem, doze do corrente mês, sob a falsa aparencia duma reunião extraordinaria da Assembleia Geral de socios da referida sociedade, pois que, sendo ele protestante o unico socio gerente e Administrador da referida Empreza, a ele, exclusivamente a ele, compete a convocação duma Assembleia Geral extraordinaria, ou seja por conveniencia da sociedade ou seja por motivo de lhe ter sido requerida por quaisquer socios, hipotese que não se déra, e por cujo motivo essa reunião não podia ter side convocada, como não foi, pelo juiz do Tribunal de Comercio.

Consequentemente, que para os devidos efeitos, e na sua dupla qualidade de socio e de gerente, protestava contra a convocação dessa suposta Assembleia Geral extraordinaria da referida sociedade, levada igualmente a efeito pelos referidos socios José Miguel Corrêa, Antonio Vicente Moraes e Anibal Mota, como protestava contra as ocultas pretenções dos mesmos socios patenteadas nessa reunião, tendentes a destituil o da Gerencia e administração da sociedade e a apossarem-se abusiva e ilegalmente dos seus estabelecimentos, bens e valores com menos preso da lei e dos direitos dos demais socios que os não acompanham nas suas insolitas pretenções, um dos quais tem feito os suprimentos á sociedade, em cujo desembolso está numa soma quasi dez vezes superior á de todas as quotas dos socios que tomaram parte na referida reunião. E porque assim o disse, lhe tomei o presente termo de protesto, que vai seguir seus tramites de conformidade com a lei. Por estampilhas coladas vai ser pago o selo devido por este instrumento na importancia de três escudos. Foram tetemunhas Octavio José da Silva, solteiro, oficial de diligencias, morador nesta vila e Augusto José Rodrigues, casado, trabalhador, morador no Mucifal, maiores, que assinam com o outorgante e comigo, ajudante de notario, e tudo depois deste instrumento ser por mim lido em voz alta, ante todos. Maric Duarte, Mario Duarte. Esta assinatura inutilisa cinco estampilhas fiscais no valor de quatro escudos e quarenta centavos. Testemunhas, Octavio José da Silva, Augusto José Rodrigues. O ajudante de notario V. Horta — Joaquim Mario Garcia Cunha.

CUTIDERMI

Depois de vos barbeardes usae o **Cutidermi.**

Henrique Dias Barroso

FALECEU

Alfredo Dias Barroso e sua familia cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido irmão Henrique Dias Barroso, cujo funeral se realisará ámanhã, sexta-feira, pelas 11 horas, saindo o prestito funebre da rua Luciano Cordeiro, 46, 3.º, D.º, para o cemiterio Oriental.

Henrique Dias Barroso

FALECEU

Diogo & C.ª Ltd.ª cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu amigo sr. Henrique Dias Barroso, irmão do seu socio Alfredo Dias Barroso, e cujo funeral terá logar ámanhã, sexta-feira, pelas 11 horas, da rua Luciano Cordeiro, 46, 3.º, D.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

Dr. Avelino de Faria
Notario
Rua Nova do Almada, 64-1.º
(esquina da Rua de S. Nicolau)
TELEFONE C. 5367

ESTRANGEIRO

Dr. Raul de Faria
Clinica medica — Doenças pulmonares
RUA AUREA, 178-2.º
Das 3 ás [illegible] Telefone C-2516

DE BERLIM

A nota

que formula

a Russia

sobre as exigencias

pedidas á Alemanha

é arrogante

BERLIM, 15

Emquanto a Alemanha não mostra azedume na questão com a Russia por motivo do incidente da delegação comercial sovietica o jornal oficial do governo da Russia formula as seguintes exigencias arrogantes:

1—Severo castigo das pessoas responsaveis pela busca efectuada;

2—O governo alemão apresentará excusas cabais;

3—Garantias contra a repetição de semelhantes actos;

4—Indemnização.

Krassine, numa entrevista concedida á agencia Rosto, declarou que cada golpe que se vibrasse na Russia seria retorquido com dois. Tinham já sido dadas ordens para se restringir as exportações para a Alemanha as operações em curso suspensas e estava prestes a dar-se uma rutura nas negociações sobre a importação de trigo para a Alemanha. Acrescentou que é duvidoso que a Alemanha possa encontrar outro pais onde possa obter trigo e materias primas em tão boas condições.—(L.)

O kronprinz

e o actual momento politico

BERLIM, 15

O chanceler Marx e Stressmann procuram uma plataforma que permita ao actual governo manter-se no poder com o apoio de 137 parlamentares e a neutralidade dos socialistas.

Por seu lado, os nacionalistas vendo diminuir as probabilidades da sua chamada ao poder procuram constituir um bloco das direitas e ainda conseguir a colaboração dos comunistas, se tanto fôr preciso, para provocar novas agitações em todo o Imperio. Afirma-se que o Kronprinz tem assistido a algumas das reuniões dos nacionalistas. — (L.)

Marx

e o conflito mineiro do Ruhr

BERLIM, 15

O chanceler do Reich, Marx, dirigiu um apelo ás duas delegações que representam os patrões e os mineiros e se encontram em Berlim para conferenciar com o ministro do Trabalho, dr. Brauns. O chanceler lembrou-lhes os perigos que devem surgir se tanto os patrões como operarios não chegarem rapidamente a uma solução quanto ao salario e tempo de trabalho, nas minas do Rhur.

A continuação desta greve constitue um grave perigo para a industria alemã que representa portanto um interesse vital para a Alemanha. — (L.)

A TRAGEDIA DO TEATRO ESLAVA

O escriptor

Vidal y Planas

está sendo julgado

por ter assassinado

o seu colega Anton del Olmet

Ha um ano, aproximadamente, num gabinete do teatro Eslava de Madrid, Afonso Vidal y Planas, jornalista, poeta, dramaturgo, amigo e colaborador de Luiz Anton del Olmet, depois de uma discussão acalorada que pessoa alguma surpreendeu, matou com um tiro de pistola o seu contendor, tendo o tragico acontecimento provocado em Madrid enorme sensação.

Anton del Olmet, apesar da cordeal amisade que o ligava ao seu colaborador, exercia sobre ele uma influencia irresistivel, o que explica em parte o gesto desvairado de Afonso Vidal y Planas.

Desconhecem-se, todavia, ou não foram ainda revelados ao grande publico, os motivos intimos que levaram este ultimo a tirar do seu amigo um desforço sangrento.

As pessoas que conhecem intimamente Vidal y Planas afirmam que só um ponto de honra muito grave, que a sua imaginação romantica exaltou, podia ter influido directamente para um desenlace tão tragico de relações de amisade que até ali se tinham mantido sem a mais leve discordancia.

Deve, fatalmente, existir uma mulher na tragedia do Teatro Eslava.

O julgamento, que ante-ontem começou, ainda não trouxe a publico qualquer revelação. Ha, em Madrid, um interesse enorme em assistir ao epilogo do drama, tendo-se enchido completamente a sala do tribunal em que decorrem as audiencias. Vidal y Planas entrou na sala profundamente palido, respondendo, todavia, com serenidade ás preguntas que lhe fizeram. Interrogado pelo Ministerio Publico, explicou que conheeera Anton del Olmet dpeois do seu regresso de Melilla, onde ele, acusado, esteve como voluntario.

Sentindo se atraido pela carreira literaria, aceitou o oferecimento que Anton del Olmet lhe fez para dirigir um jornal politico, em que o seu protector lhe mandava agredir determinadas pessoas.

Apesar da influencia que Anton del Olmet exercia sobre ele. as relações entre ambos mantiveram se sempre bem até ao dia em que se encontraram pela ultima vez no Teatro Eslava.

Depois de uma discussão, em que Vidal y Planas lhe pediu que não continuasse a dizer mal dele, como lhe constava, Olmet respondeu:

—Mas tu não deves falar, porque Elena e eu...

Nesta frase reside toda a chave do drama. Vidal y Planas acrescenta que o seu amigo o insultou, tratando-o com desdem, a ponto de se ver obrigado a puxar por uma pistola para se defender. Lutaram. Olmet fazia esforços para lhe tirar a pistola. No meio da luta que se estabeleceu, esta disparou se, ferindo mortalmente Anton del Olmet.

O delegado do Ministerio Publico intervem, declarando que o relato do crime não coincide com aquele que foi feito primitivamente pelo acusado.

Vidal y Planas explica que, na altura em que prestou as primeiras declarações, se sentia debaixo de uma grande tensão nervosa, não podendo reconstituir os acontecimentos tal qual se desenrolaram.

O delegado: — O senhor tinha então certos ressentimentos contra o sr. Olmet, pela exploração de que o tornou objecto na sua primeira época de literato pobre.

O acusado: — Não, senhor. Pelo contrario, no fundo era amigo do sr. Olmet e precisamente o que eu desejava era resolver a situação provocada pelo desdem com que ele me tratava.

O delegado: — O senhor diz que ignorava em absoluto que o sr. Olmet lhe tivesse feito qualquer agravo, e ao encontrar-se no Eslava e ouvir o que lhe disse da menina Elena, exasperou-se, e para amedrontar o sr. Olmet que o tinha agarrado pelo pescoço, puxou pela pistola e esta disparou-se involuntariamente.

O acusado: — Sim, senhor.

O delegado: — Estou satisfeito.

O julgamento decorre depois sem grande interesse. O depoimento de quasi todas as testemunhas é favoravel ao acusado. Uma testemunha declarou, o que é essencial, que Anton del Olmet tinha um caracter agressivo e que Vidal y Planas se portou sempre com ele de uma maneira correcta e leal.

Pelo exame psiquiatrico a que os medicos procederam, conclue-se que o acusado não é uma pessoa normal, embora não seja um alienado. E' um hiperestésico. Sofre desvios psiquicos, tendo sido levado por uma exaltação á pratica do crime. E' um afectivo anormal.

Uma testemunha de acusação, amigo intimo de Anton del Olmet, filia as desinteligencias que surgiram entre o acusado e a vitima em assuntos de ordem meramente literaria. Todas as testemunhas de acusação se inclinam para esta hipotese.

No julgamento, depôz tambem a que é hoje esposa de Vidal y Planas, D. Elena Manzanares. A sua entrada na sala provocou um vivo movimento de curiosidade. A instancias da defeza, conta a sua historia, que não póde ser mais triste. Orfã de pais, entrou num colegio, de onde teve que sair aos quatorze anos, para ganhar o sustento dos seus irmãos pequeninos e da sua avó. Quiz trabalhar, mas não ganhava o suficiente. Apareceu então um homem que lhe ofereceu dinheiro. Negou-se a principio a aceitar a proposta, resistiu emquanto pôde, depois cedeu.

A defeza: — Como se chamava esse homem?

A testemunha: — Anton del Olmet.

Aparece então Vidal y Planas. Elena é-lhe apresentada pelo proprio amante. Entre os dois nasce uma simpatia irresistivel. E a breve trecho, Elena abandonava Olmet para viver com Vidal y Planas, com quem casou. Entretanto, Olmet nunca lhe perdoou, continuando a dirigir-lhe galanteios; de que ela se defendia o melhor que lhe era possivel, sem pôr o marido ao corrente do que se passava. Vidal y Planas, nesta altura do julgamento, esconde a cara e chora.

D. Elena Manzanares não acrescenta mais nada.

O presidente: — O sr. advogado de acusação quere interrogar?

O advogado: — Por elegancia espiritual, renuncio.

A primeira audiencia termina pouco depois. A acusação oficial reclama uma sentença condenatoria, com a indemnisação de 15.000 pesetas para os herdeiros de Anton del Olmet A acusação particular eleva essa quantia a 300.000 pesetas. O advogado de defeza, depois de declarar que o ocorrido foi uma fatalidade, a que foi alheia a vontade de Vidal y Planas, pede a absolvição do seu constituinte.

DE PARIS

Briand

se formar

ministerio

tem que se apoiar

no bloco nacional

e nas esquerdas

PARIS, 15

A organização do novo gabinete francês parece apresentar-se um pouco dificil, visto a sua composição depender da participação socialista, até agora duvidosa.

No caso da formação de um gabinete radical, sem a colaboração dos socialistas, sob a presidencia de Briand, teria este de ir buscar o apoio da ala esquerda dos partidos que teem constituido o bloco nacional.

A opinião publica comenta tranquilamente a demissão de Poincaré, havendo, porém, em certos circulos, um pouco de irritação contra o sr. Millerand, que, pelas esquerdas, é acusado de responsavel pela politica francesa seguida até hoje, tendo mesmo chegado a correr o boato de que, em virtude de tal oposição, o primeiro magistrado da Republica apresentaria a demissão, o que se não confirma.—(R.)

Poincaré

vai abandonar a politica

PARIS, 15

O «Matin» afirma que Poincaré vai abandonar a vida politica completamente. Numerosos convites lhe foram feitos, entre eles cooperar em jornais americanos, publicar memorias, etc. Porém, o actual chefe do governo deseja descançar durante algum tempo.—(L.)

O encontro

entre Poincaré e Macdonald

PARIS, 15

O ministerio dos Negocios Estrangeiros comunicou oficialmente ao embaixador britanico nesta capital, que Poincaré, em consequencia do resultado das eleições, renuncia ao seu encontro com o sr. Macdonald, em Chequers.—(L.)

A visita

do principe da Etiopia

PARIS, 15

Chegou hoje a Marselha o principe Taffari da Etiopia, que no dia 16 deporá no tumulo do soldado desconhecido, sob o Arco do Triunfo, uma palma da imperatriz Zaoditou.

Vem acompanhado de numeroso sequito. —(L.)

Tardieu

e o jornal «Echo National»

PARIS, 15

Segundo o «Petit Parisien», Tardieu que tambem foi derrotado nas eleições, vai terminar com a publicação do seu jornal o «Eco National», no dia 16 de maio, partindo depois em viagem pela America.—(L.)

Mobilias
A prestações e a pronto
AVISO
a todos que queiram comprar mobilias, visitem só os armazens da R. Martens Ferrão, 20, Avenida Fontes Pereira de Melo, 7, se querem sêr bem servidos, com plena confiança e economia de tempo porque encontram todas as facilidades e os melhores preços do mercado.

—OURO—
muito mais BARATO
Grande sortimento de cordões, corrente e mais objectos de ouro
SO VENDE BARATO a Ourivesaria
CORREIA & MOURA
R. de S. Paulo, 186 — Lisboa
(Proximo á Casa da Moeda)

DOENÇAS NERVOSAS
Gabinete hidroterapico—C. do Duque, 20
C. da Gloria, 15—T. N. 4457
Director
Dr. J. Silvestre d'Almeida
Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.
Aberto das 8 ás 13 horas.
Consultas das 10 ás 12 horas

Chapeus de Senhora
Atelier com exposição. Fazem-se e transformam-se pelos ultimos figurinos, maxima perfeição. Ha modista de vestidos. Madame Gonçalves, rua Santa Marta, A. N. 2.º, Esq.

MOBILIAS
COMPRAI SÓ NA
T. de S. Mamede, 60, 60-A (á Politecnica)

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	144$50	145$50
Paris	1$96	1$97,5
Madrid	4$59	4$62
New-York	33$60	33$30

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
Amsterdam	12$35	12$44
Suiça	5$85	5$90
Brasil	3$75	3$80
Libra esterlina	166$00	—

TEATRO PORTUGUES

A ESTREIA DO DRAMA

«Dentro do castigo»

realisou-se ontem

no teatro Almeida Garrett

(Continuação da 4.ª pagina)

—marcando o seu papel com uma tão mimosa ternura que os olhos dos espectadores se prendiam nela com rendida admiração.

Ester Leão que, logo no primeiro acto nos pareceu em hora ascencional, durante o segundo e o terceiro, soube encontrar movimentos e gestos tão sentidos que denunciam um ardente proposito de triunfar.

Palmira Torres imprimiu ao papel da Mariana o relevo que só ela lhe poderia dar.

Se exceptuarmos algumas notas declamatorias, Rafael Marques mostrou se em toda a linha o Paulo que o autor imaginou.

Ribeiro Lopes, desculpada uma maneira bastante geometrica de tomar atitudes, tornou nitido e perceptivel o dificil Raimundo que encarnou.

Joaquim de Oliveira, no papel de Julião, houve-se muito bem.

Calasans, como dr. Couto de Azevedo, soube ser correcto.

Joaquim Manso

O *Diario de Lisboa*, pela pena do nosso camarada Artur Portela, publicará ámanhã um artigo seu sobre a peça «Dentro do castigo», dedicado exclusivamente á interpretação — que foi das mais perfeitas e rigorosas dos ultimos tempos no teatro português — e no qual, seguindo o desenho moral das figuras, traçado hoje magistralmente pelo nosso querido Director, se aprecia par e passo a acção, ora brilhante ora persuasiva, das cinco principais figuras da peça.

A VIAGEM AEREA

LISBOA-MACAU

Os heroicos aviadores Brito Pais e Sarmento de Beires e o mecanico Manuel de Gouveia, devem ámanhã ou depois ter o «Havilland» pronto a completar a gloriosa viagem Lisboa-Macau.

A Direcção da Aeronautica continua a receber numerosos donativos de gente de todas as classes sociais.

Hoje, durante o dia foram recebidos **15.500$00**, tendo os srs. ministros do Interior e da Instrução contribuido com 100$00 cada.

Um atentado

contra Ermette Pires

Na rua da Alfandega, três individuos que conseguiram evadir-se, dispararam esta tarde alguns tiros contra o automovel do director da Companhia Nacional de Alimentação, sr. Ermette Pires, que foi atingido nas costas e no peito, recolhendo em estado grave ao hospital de S. José.

Gemeas

Receberam-se hoje, nesta redacção 30$00 escudos, oferecidos por uma senhora que se assina *M.*, e 20$00 de M. A. para a subscrição a favor das duas meninas Mercedes e Olinda — orfãs de pai e mãe, que se encontram na maior miseria. Agradecemos e rogamos a todas as pessoas caritativas, que queiram aliviar a sorte destas duas crianças, que enviem as suas esmolas para esta redacção, endereçadas ao nosso camarada Alves Martins.

MISSA DE SUFRAGIO

Barbosa Colen

Passando hoje o setimo aniversario da morte do ilustre e glorioso jornalista Barbosa Colen, sua familia mandou dizer uma missa, que se celebrou esta manhã, na igreja de Santa Catarina, pelas 11 horas.

A TARDE PARLAMENTAR

Uma sessão

tumultuosa

motivada pela atitude

do deputado Carvalho da Silva

O sr. Marques de Azevedo inicia os trabalhos, requerendo a imediata discussão do projecto de lei referente ao caminho de ferro da Povoa de Varzim a Braga. A Camara concorda. O sr. Antonio Maia, distraído, requere a contra-prova.

O sr. Marques de Azevedo avança para ele e segreda-lhe qualquer coisa ao ouvido.

O sr. Antonio Maia:

— Desisto da contra-prova.

O sr. Marques de Azevedo, com um significativo *shak-hands*:

— Muito obrigado.

O sr. dr. Nuno Simões, respondendo aos oradores que discutiram o projecto de lei referente ao caminho de ferro da Povoa de Varzim a Braga, declara que se tem acusado injustamente o Ministerio do Comercio, procurando mostrá-lo como um inimigo irredutivel desse projecto e dos interesses da tradicional cidade dos arcebispos: a romana *Bracara Augusta*.

Expõe, pormenorisadamente, a sua interferencia neste assunto, declarando que é contrario á aprovação do projecto, por motivos de ordem tecnica e economica. Não o move, neste caso, o mais leve ressentimento pela campanha de que foi alvo, embora reconheça a injustiça flagrante das acusações que lhe dirigiram.

O sr. Carvalho da Silva afirma que o parecer relativo á actualisação das contribuições não pode ser discutido, por anti regimental.

O sr. Almeida Ribeiro:

—V. ex.ª é intolerante.

O sr. Carvalho da Silva:

—Não é intolerancia minha, é do regimento.

—Não é nada disso... Não é nada disso...

—V. ex.ª dá-me licença... O parecer é ou não contrario ás disposições regimentais?

—Não, senhor.

E o sr. Almeida Ribeiro defende o seu ponto de vista, pedindo que seja posto á votação o requerimento que mandou para a mesa.

O sr. Carvalho da Silva declara que não pode ser votado de afogadilho um requerimento que vem alterar profundamente o nosso sistema tributario.

— E' uma violencia! Saltam por cima do regimento! Saltam por cima do respeito que devem ao país! Saltam por cima de tudo!

Vozes: — Fóra! Fóra! Não pode ser! Não pode ser!

Sussuro. Agitação. A presidencia chama a Camara á ordem.

O sr. Alberto Vidal declara que o parecer está rigorosamente dentro dos termos regimentais.

O sr. Carvalho da Silva:

— Isto assim não passa! Não passa! Não passa!

Vozes: — Não pode ser! Ordem! Ordem! Rua!

Serenados os animos, o sr. Morais de Carvalho vem reforçar o ponto de vista do seu correligionario, que passeia de um lado para o outro, visivelmente agitado, interrompendo o orador a cada instante.

— Apoiado! Apoiado! Apoiado!

Posto á votação um requerimento do sr. Carvalho da Silva, é rejeitada.

—Requeiro a contra-prova.

A contagem dá o seguinte resultado: 48 contra e 7 a favor.

O sr. Carvalho da Silva, exaltadissimo:

—Está na sala o sr. Constancio de Oliveira, que pode informar v. ex.ª se a comissão de finanças reuniu ou não!

E o deputado monarquico bate furiosamente com a carteira, por entre os protestos veementes e ruidosos da maioria:

—Não pode ser votado! Não pode ser! Não pode ser!

—Ordem! Ordem!

O sr. Pedro Pita intervem na discussão, dizendo que o requerimento do sr. Almeida Ribeiro deve considerar-se uma proposta.

O sr. Carvalho da Silva:

—A minoria nacionalista está inteiramente ao lado da maioria! Não pode ser!

E continua a bater ruidosamente com a carteira, emquanto o sr. presidente agita a campainha e toca o carrilhão.

A maioria deixou de protestar colectivamente. Ouve-se apenas o ruido compassado da carteira do sr. Carvalho da Silva.

Algumas vozes isoladas pedem ordem:

—Oh! sr. presidente! Isto não pode ser! E' uma vergonha!

Entram na sala os deputados nacionalistas que estavam reunidos.

O sr. Carlos Pereira:

—Peço a palavra para explicações!

O sr. Carvalho da Silva bate o «record» da resistencia fisica, continuando por largo tempo a bater com a carteira.

Cessa o ruído, quando o sr. Carlos Pereira começa a usar da palavra, em tom indignado e demostenico:

—Neste momento, em que o sr. Carvalho da Silva, para deshonra nossa, é deputado nesta camara...

O sr. Carvalho da Silva, usando, mais tarde, da palavra para explicações:

—Sr. presidente: V. ex.ª deixou passar nesta Camara, palavras que ofenderam a minha dignidade. Questões destas liquidam-se lá fóra, mas não quero deixar de frisar a indiferença de v. ex.ª perante tais palavras.

O sr. presidente:—Eu declaro que não ouvi...

O sr. Carlos Pereira, explica, por sua vez, que não pretendeu ofender o sr. Carvalho da Silva, tendo sido mal interpretadas as suas palavras, no meio da agitação que se estabeleceu na Camara.

O deputado monarquico dá-se por satisfeito com as explicações e a sessão prossegue em boa harmonia.

O sr. Portugal Durão afirma que assinou, de facto, o parecer 717, sem ter tomado parte na reunião da comissão de finanças, se realmente reuniu. Reconhece, no entanto, a importancia do assunto em discussão e entende que a Camara se não deve prender com o não cumprimento de uma disposição regimental, em assunto de tanta gravidade.

UMA QUESTAO GRAVE

O GOVERNO SUSPENDEU

as negociações

para a solução

do conflito telegrafo-postal

Hoje ao meio dia voltaram a reunir-se na sua Associação os funcionarios do pessoal maior dos Correios e Telegrafos, em numero de algumas centenas, vendo-se na sala numerosas senhoras.

Preside á reunião o sr. Carlos Magalhães Ferraz, secretariado pelos srs. Martires Ferreira e Elias Garcia.

O presidente saúda os funcionarios da provincia que são aclamadissimos, bem como os directores e os chefes da Administração Geral.

O sr. Kruss Aflalo propõe que da assembleia saia um voto para que o governo aprove imediatamente o trabalho da Administração Geral.

O sr. Amandio Gasparinho diz, em sumula:

—Um governo que consente na formação dum «soviet» de carteiros e soldados fica sem autoridade e sem força.

O presidente saúda a Comissão de Resistencia e parte da imprensa, especialisando o «Diario de Lisboa», pela imparcialidade com que se tem ocupado do conflito. (Muitos aplausos e vivas).

O sr. Martires Ferreira lê uma carta dos alunos da Escola dos Correios e Telegrafos, em que declaram que não trabalharão emquanto durar o conflito. (Aclamações). E' suspensa a sessão que reabre ás 2 horas.

O sr. Aires do Canto e Albuquerque declara que na A. G., tanto os directores como os chefes de divisão estão em espirito com o resto do pessoal maior.

O sr. Moisés Feijão declara que vai pôr a classe ao facto do que se passou desde ontem: Algumas frases:

—Os chefes de divisão apresentaram á tarde ao governo a seguinte plataforma para a volta ao serviço: retirada das tropas; entrega dos serviços aos chefes; suspensão imediata dos prevaricadores; inquerito rapido dirigido por um magistrado de carreira, cujo resultado seria entregue á Administração Geral que aplicaria as merecidas sanções. Estavamos convencidos de que o governo aceitaria. Afinal, os ministros da Guerra e do Comercio, depois de estudar atentamente a plataforma, não disseram nem que sim, nem que não...

—A indecisão do governo durou algumas horas. E ao fim dessé tempo, participou-nos que as negociações ficam suspensas até que os chefes elaborem circunstanciados relatorios com acusações concretas.

—O pessoal maior não quere exercer represalias. Quere apenas que os regulamentos se cumpram a bem da disciplina e da ordem nos serviços.

—A anunciada normalisação é uma burla. O governo continua metido numa camisa de onze varas. Fez uma «bota» que não sabe como descalçar... O que devemos fazer é continuar até ao fim, na mesma atitude. (Vibrantes aplausos).

O sr. Carlos de Magalhães Ferraz lê uma comunicação da Comissão de Resistencia:

—Em presença do movimento de inversão social que se está preparando, o pessoal maior afirma ao governo que, logo que ele se declare, se apresentará ao serviço, abandonando-o assim que ele fôr jugulado.

* * *

A Escola dos Correios e Telegrafos foi ocupada militarmente, bem como as estações das Caldas, da Nazareth, da Marinha Grande, de Vila Franca, de Vila Real e de quasi todo o Norte do paiz. A de Leiria foi ocupada por musicos.

* * *

Foi hoje afixado um edital do sr. coronel Freiria, intimando o pessoal maior a apresentar-se ao serviço, dentro de 24 horas, com compromisso, sob pena de demissão.

Uma machina de escrever custa actualmente alguns milhares de escudos. Quando tem qualquer desarranjo deve ser entregue aos cuidados dos especialistas desse genero.

Para esse efeito construiu-se expressamente um edificio com três andares e todas as secções necessarias, ao qual uma visita feita por V. Ex.ª não será tempo perdido.

EMPREZA RECONSTRUCTORA DE MACHINAS DE ESCREVER, L.DA

SÉDE — L. de S. Martinho, 8 a 11 (Defronte do Limoeiro) Telef. C. 3081

FILIAL — R. dos Retrozeiros, 58 Telef. C. 1020

Casa Africana

Rua Augusta

Exposição permanente de artigos para homem, senhoras e creanças